



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 26 | Jan./Jun. de 2022

Alexandre Freitas Campos

*Faculdade de Formação de Professores da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ).*
afcamposcbx@gmail.com

**Sonia Maria de Almeida Ignatiuk
Wanderley**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ
soniamaiw@gmail.com

“NAZISMO DE ESQUERDA” E FAKE HISTORY: do Facebook a Netflix, uma análise do streaming para a educação em tempos de pós- verdade.

RESUMO

Esta pesquisa vale-se do audiovisual, das redes sociais à Netflix, para discorrer sobre o fenômeno da pós-verdade no contexto da história pública e do ensino de história. A partir de vídeo postado pela Embaixada da Alemanha de Brasília e pelo Consulado-Geral da Alemanha no Recife, em que brasileiros afirmaram que “o nazismo é de esquerda”, busca mapear como os conceitos de “esquerda” e “direita” são usados em documentários que abordam o nazismo para explicar essa doutrina política..

Palavras-chave: Nazismo. Netflix. Esquerda e direita. *Fake history*. Audiovisual..

“NAZISM LEFT-WING” AND FAKE HISTORY: Facebook to Netflix, an analysis of streamings for education in post-truth times

ABSTRACT

This research makes use of audiovisual, from social media to Netflix to discourse about post-truth in the public history context and history teaching. From a video uploaded by the German Embassy in Brazil and the Consulate General of Germany in Recife, in which brazilians claimed that “Nazism is left-wing” aims to explore how the concepts “left” and “right” are used in documentaries that approach nazism to explain this political doctrine.

Keywords: Nazism. Netflix. Left-wing and right-wing. *Fake history*. Audiovisual..

Introdução

O cenário de acirramento das tensões políticas no Brasil, principalmente a partir de 2013, contamina vários espaços das relações sociais e da vida pública. Com as redes sociais não é diferente. Além de serem um bom meio de se medir a animosidade da polarização política, as redes sociais aumentaram seu protagonismo no cenário político atual, tornando-se um espaço de destaque da esfera pública. Habermas (apud Martino, 2014) conceitua a “esfera pública” como sendo um espaço de discussão e ação social formado na interação entre as pessoas; um local de conversas no qual assuntos de relevância são debatidos; e também a tomada coletiva de decisões a partir da troca de ideias entre cidadãos a respeito de assuntos de interesse geral. Martino (2014), valendo-se do conceito de esfera pública proposto por Habermas, posiciona as redes sociais como um novo espaço dessa esfera pública, por ser, atualmente, um dos âmbitos onde se forma a opinião pública, ressaltando que “mais que um espaço físico, a esfera pública é um espaço abstrato” (MARTINO, 2014, p. 91).

Se, para Martino, valendo-se de Habermas, as redes sociais absorvem a esfera pública, o próprio Habermas acrescenta que essa absorção tem gerado também uma dissolução. Habermas (2018) afirma que as estruturas da esfera pública estão experimentando um processo acelerado de deterioração, em parte, por conta da internet. Henrique Estrada Rodrigues diz, em sentido semelhante, ao tratar do campo da história, que “Se, de um lado, o século XX testemunha a consolidação da forma disciplinar da história, o ‘nosso tempo’ parece indicar um horizonte não apenas de retração da esfera pública como também de certa descrença quanto à relevância (ou autoridade) dos profissionais da história” (apud PEREIRA e ARAÚJO, 2017 p. 273), com reflexos no ensino de história e aspectos de sua didática, como o uso de mídias em sala de aula.

Para David Wootton, “a internet está nos levando de volta a um mundo medieval” (2017). O historiador compara o novo cenário comunicacional à Idade Média, pois as pessoas se dividiram em tribos, que reúnem somente aqueles que possuem opiniões semelhantes, em um processo no qual elas “reforçam seus próprios preconceitos e suposições. E acham que quem discorda é irracional e mal intencionado. E o contato que acontecia entre pessoas de pontos de vista diferentes está acabando” (WOOTTON, 2017).

A internet cria uma enchente de pontos de vista diferentes e você não consegue diferenciar o certo do errado, pois todos parecem igualmente convincentes na tela. (...) A fofoca está sendo transformada em opinião, e fica bem mais difícil

distinguir argumentos bem fundados de preconceito. Acho que a internet está nos levando de volta a um mundo medieval no qual as histórias se espalham rapidamente, sejam verdadeiras ou falsas, e fica impossível descobrir de onde vieram e se são confiáveis (WOOTTON, 2017).

Nesse cenário, um termo que se tornou recorrente é “pós-verdade”¹. Para Tatiana Roque e Fernanda Bruno (2018), turbinada pelas redes sociais, a pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos e estimula a desconfiança a respeito dos modos de aferição da verdade que embasam o método científico, abrindo espaço para que crenças e valores tomem o lugar da objetividade. No mesmo sentido, André Cabette Fábio (2016) ressalta que as novas plataformas, como Facebook, Twitter e Whatsapp, possibilitam os boatos e as chamadas “*fake news*”, prestando-se como uma espécie de suporte técnico para que a “era da pós-verdade” se configure.

Grande parte dos factóides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Os algoritmos utilizados pelo Facebook fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita (FÁBIO, 2016).

Roque e Bruno apontam para o que seria um tipo de crise das mediações. Para as autoras, “vemos indícios de uma crise dos modos estabelecidos de aferição da verdade. É uma crise que questiona competências e desafia as mediações estabelecidas para que uma afirmação possa ser reconhecida como válida” (ROQUE e BRUNO, 2018). Se até pouco tempo imprensa, professores, intelectuais, especialistas e mesmo políticos profissionais costumavam ser aceitos como mediadores confiáveis, “parece estar em curso uma destituição desses lugares, fenômeno que alguns chegam a identificar como o fim das mediações” (Ibid). Nesse cenário, aos boatos (também chamados de “*hoax*”) e *fake news*, podemos acrescentar ainda a força que as novas narrativas sobre a história ganharam nessa nova esfera pública, as *fake histories*.

Mundo afora, fatos históricos irrefutáveis passaram a render debates inesperados. Toda ciência, aliás, está sendo questionada: terraplanistas desprezam fotos da Nasa e grupos antivacina ignoram apelos médicos. Depois das *fake news*, estamos na era da *fake history* (TORRES e URBIM, 2018).

¹ Eleita a palavra do ano em 2016 pelo *Oxford Dictionaries*, departamento da universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, o termo pós-verdade denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais (FÁBIO, 2016). A eleição de Donald Trump, nos EUA, e o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia (UE), apelidada de “*Brexit*”, foram analisados, segundo a Universidade de Oxford, no contexto da pós-verdade (FÁBIO, 2016)

“Como se ensina história na Alemanha?”

É nesse cenário, que envolve desafios como o enfraquecimento e/ou deslegitimação das instituições, hierarquias, falas de autoridade e mediações, além de um forte acirramento das tensões políticas, que órgãos representativos da Alemanha no Brasil publicaram em suas fanpages do Facebook o vídeo “Como se ensina história na Alemanha?”. O vídeo tinha como objetivo mostrar que os alemães não escondem seu passado, pois, desde cedo, os jovens aprendem nas escolas sobre o nazismo e atrocidades como o holocausto. Outra finalidade do vídeo era alertar sobre os perigos do ressurgimento do nazismo, por meio da ascensão da extrema-direita na Europa. E é especificamente nesse ponto que reside o início de nosso problema de pesquisa. O vídeo recebeu críticas de muitos internautas brasileiros que discordaram do posicionamento do nazismo no espectro político da direita. Para esses usuários do Facebook, o nazismo seria de esquerda, o que contraria a bibliografia canônica da história e da ciência política. Os principais argumentos dos críticos foram a palavra “socialista” no nome do Partido Nazista (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores da Alemanha) e o caráter centralizador de poder do regime de Hitler (o que desconsidera outros regimes de direita com forte poder concentrado no Estado, como o fascismo italiano, o franquismo espanhol e as ditaduras latino-americanas, incluindo a brasileira).

É fundamental darmos especial atenção ao novo espaço dessas disputas, ou seja, o universo virtual, sobretudo porque este tem se constituído em poderoso espaço de educação histórica, influenciando até mesmo na diminuição na leitura de livros didáticos de história, agora desqualificados como sendo “os livros do MEC (MENEZES, 2019, p. 82).

Com 1 minuto e 7 segundos de duração, o vídeo² é todo feito de filmagem de fotos, recurso muito utilizado em filmes documentários. O áudio é somente trilha sonora.

²Segue a íntegra do texto do vídeo: “Os alemães não escondem o seu passado. Pelo contrário. Desde cedo eles são ensinados a confrontar os horrores do holocausto. O pensamento é: “conhecer e preservar. Preservar a história para não repeti-la”. Na escola, os alemães começam a aprender sobre o nazismo quando têm entre 13 e 15 anos. No entanto, a maioria já presenciou a história do Terceiro Reich nas ruas, no turismo e nas memórias de família. Em muitas cidades é possível encontrar placas douradas no chão em frente a casas onde vivam famílias de judeus. Memoriais e museus que abordam o assunto estão espalhados pelo país. Na Alemanha é crime: negar o holocausto, exhibir símbolos nazistas, fazer a saudação “heil Hitler”. E quando o extremismo de direita volta a acontecer no país? “Quando a saudação de Hitler hoje volta a ser mostrada em nossas ruas, isso é uma vergonha para o nosso país. Devemos nos opor aos extremistas de direita, não devemos ignorar, temos que mostrar nossa cara contra neonazistas e antissemitas. Então, temos que nos levantar do sofá e abrir nossas bocas. Os anos de estado vegetativo discursivo devem chegar ao fim. Quem protesta contra os nazistas não é de esquerda, mas normal” [ministro das relações externas Heiko Maas].

Não há textos em off, mas somente em legendas coloridas, inseridas nas fotos, que são de monumentos alemães, cerimônias nazistas do tempo em que o país era governado por Hitler, imagens do holocausto, homenagens aos mortos, memoriais e museus, símbolos nazistas, manifestações neonazistas e antinazistas. Basicamente, o vídeo chama a atenção sobre a necessidade de se conhecer a história para não se repeti-la e conclama os cidadãos a “se levantarem do sofá e abrirem a boca” contra o perigo do ressurgimento do nazifascismo.

Figura 1 - “Como se ensina história na Alemanha?”



Fonte:

Figura 2 - "Como se ensina história na Alemanha?"



Fonte:

Figura 3 - "Como se ensina história na Alemanha?"



Fonte:

O vídeo foi postado pela Embaixada da Alemanha em Brasília e pelo Consulado Geral da Alemanha no Recife em suas respectivas fanpages no dia 4 de setembro de

2018, durante o período eleitoral brasileiro, a cerca de um mês do dia da votação do primeiro turno. Em ambas as postagens houve comentários críticos discordando do conteúdo do vídeo e até deslegitimando e desacreditando os órgãos representativos do país europeu. A polêmica ganhou repercussão e foi noticiada por diversos veículos jornalísticos. O inusitado do caso consistiu no fato de que brasileiros queriam explicar para instituições alemãs o que foi o nazismo. O jornal *O Globo* do dia 22 de setembro foi um dos que deu maior destaque ao ocorrido.

O governo alemão fez vídeo explicando, o embaixador alemão no Brasil disse que era “uma besteira completa”, estudiosos falaram até ficar roucos. De nada adiantou. A julgar pelas reações online, um número surpreendente de brasileiros pensa como o usuário do Twitter que escreveu isto aqui: “Nazismo era um partido socialista, logo, era de esquerda. Não é um embaixador idiota dizendo o contrário que vai mudar essa verdade” (TORRES e URBIN, 2018, p. 10).

A sucursal brasileira do jornal espanhol *El País* usou a palavra alemã “*Fremdschämen*”, que significa “vergonha alheia”, para resumir “a enxurrada de críticas de internautas brasileiros a um vídeo da Embaixada alemã afirmando que nazismo é de direita” (OLIVEIRA, 2018, on-line). A Folha de São Paulo destacou que “Grupos de direita no Brasil contestam embaixada alemã sobre nazismo” (PITOMBO, 2018, on-line). A sucursal brasileira da rede de comunicação pública britânica BBC também noticiou a polêmica, abordando não só a afirmativa de que o nazismo é uma ideologia de esquerda, mas também dando ênfase à negação do holocausto por parte dos mesmos usuários brasileiros do Facebook e ao esforço do governo alemão em “garantir que a verdade sobre a história do nazismo não seja perdida entre mentiras e boatos espalhados tanto entre adultos quanto crianças” (NEHER, 2018, on-line). A revista *Época* destacou que os comentaristas brasileiros que afirmaram que o nazismo é de esquerda não se importaram com “as evidências da historiografia e da ciência política do século XX” (SALGADO, 2018, on-line), no mesmo sentido de Daniel Neves Silva (2018), que reforça o consenso entre historiadores e cientistas políticos de que o nazismo era de direita.

O site brasileiro da emissora pública alemã *Deutsche Welle* (DW) destacou que os internautas brasileiros criaram um debate que não existe na Alemanha. A “discussão levantada aparece há alguns anos em círculos de direita brasileiros, mas nunca existiu entre historiadores sérios” (STRUCK, 2018, on-line). Enquanto alguns veículos noticiosos, como o caso da Folha, classificam esses comentaristas como “de direita”, a

reportagem da DW vai além e é mais específica, associando-os ao bolsonarismo³. De acordo com Struck, sobre os comentários nos posts dos órgãos representativos da Alemanha, "uma rápida olhada nos perfis dos usuários que associaram o nazismo com a esquerda mostra que vários divulgam propaganda do [então] candidato à presidência Jair Bolsonaro" (Ibid).

O Nazismo segundo o streaming da Netflix: possibilidades no ensino de história

Nesta pesquisa, partimos do pressuposto do consenso entre historiadores e cientistas políticos de que o nazismo pertence ao espectro político da direita, mais propriamente a sua extremidade. Esse consenso foi ressaltado pela maioria das matérias jornalísticas das quais nos valem e pela própria Embaixada da Alemanha. Não é nosso objetivo medir esse consenso, o que soaria redundante e óbvio. Também não nos aprofundaremos em discussões conceituais sobre direita e esquerda. Para aqueles que buscam maior profundidade sobre ambos os polos na ciência e pensamento políticos, recomendamos Norberto Bobbio, em sua obra "Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política", para quem, na essência, a distinção entre ambas se faz por meio da questão da igualdade: "De um lado estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro os que consideram que são mais desiguais que iguais" (BOBBIO, 2001, p. 121), referindo-se, respectivamente, à esquerda e direita. Outro autor que podemos destacar é Anthony Giddens, que, em seu livro "Para além da esquerda e da direita" (1996), conceitua os dois espectros políticos, em um plano geral, de forma parecida com Bobbio.

Partimos não para a conceituação política ou mensuração do consenso acadêmico, mas para a dimensão do entretenimento, que, como diz Ortellado (2018), é um dos alvos da guerra cultural, juntamente com a ciência, as universidades, as escolas. Com o objetivo de mensurar o potencial do entretenimento como ferramenta informativa e educacional – mais especificamente na prática do ensino de história – além de avaliar em que medida a representação audiovisual do nazismo vem sendo influenciada pelas narrativas revisionistas, selecionamos duas séries de não-ficção (ou séries documentais), um único episódio de uma terceira série documental e um longa-

³Struck lembra que o deputado Eduardo Bolsonaro, filho do presidente eleito em 2018 Jair Bolsonaro, afirmou em 2016, no Twitter, que o "nazismo é esquerda", sob o argumento da presença da palavra "socialista" no nome do Partido Nazista, e que, desde então, voltou ao tema outras vezes nas redes sociais, sempre apontando que o nazismo está no campo da esquerda (STRUCK, 2018).

metragem documental, todos da provedora de conteúdo audiovisual via streaming Netflix, que abordam a doutrina política de Hitler: “O círculo diabólico de Hitler” (*Hitler’s circle of evil*), “A Segunda Guerra em cores” (*World War II in color*), “Como se tornar um tirano” (*How to Become a Tyrant*) e “Hitler – Uma carreira” (*Hitler - A Career*). “A Netflix não se enquadra no conceito que historicamente temos chamado de televisão. Esse tipo de serviço pode ser considerado um modelo híbrido entre televisão e internet” (FRAGA, 2017, p. 4). Portanto, entendemos que, ao analisarmos a plataforma de streaming, estamos analisando uma tecnologia híbrida que vem ampliando sua inserção na cotidianidade e que pode se encaixar nas chamadas “TICs – tecnologias da informação e comunicação”, meio audiovisual e meio digital, no seu potencial de utilização na educação, mais especificamente no ensino de história.

Aquilo que antes só se tinha contato nas telas de cinema, hoje é facilmente assistido na televisão de casa ou até mesmo pelos celulares através de aplicativos via streaming que reproduzem os vídeos em tempo real sem necessidade de download. Dessa forma, os filmes se constituem como elemento de fácil acesso e com grande potencial atrativo para grande parcela da sociedade ao retratar histórias sobre os mais variados temas (DÄHNE, 2019, **on-line**).

Para Pinker, “Um desafio da nossa época é como promover uma cultura intelectual e política que seja movida pela razão, e não pelo tribalismo e pelo antagonismo mútuo” (2018, p. 440). Em uma sociedade midiaticizada e imagética como a sociedade global do século 21, as questões culturais passam, sem dúvida, pela produção e trocas simbólicas das narrativas audiovisuais. “As rodas da razão muitas vezes giram com vagar, e seria interessante acelerá-las. Os lugares óbvios para imprimir essa força estão na educação e na mídia” (PINKER, 2018, p. 443). Por isso, aqui recorreremos à análise fílmica voltada ao gênero documental, tendo em vista a força do audiovisual como ferramenta pedagógica. Menezes (2019) aborda o tema valendo-se do conceito de “história pública”, que ela busca definir:

Embora esse campo de discussão seja mais amplo do que os produtos advindos dos meios de comunicação ou da produção jornalística, inegavelmente é a partir das várias mídias que temos a linha mais expressiva de conteúdos públicos voltados à história. refiro-me às narrativas que, nos últimos anos, avançaram velozmente na reflexão e tradução do passado e que podem ser produzidas tanto por historiadores como por profissionais de outras áreas com o objetivo de atingir um grande público (MENEZES, 2019, p. 71).

Nessa perspectiva específica da história pública – as produções de mídia – (destacamos que ela não esgota o conceito), nossa pesquisa, que teve seu início e

motivação na produção audiovisual – com o vídeo publicado pela embaixada e consulado alemães – se encerra também no audiovisual, em quatro documentários sobre história. Nosso foco na produção audiovisual documental é o modo como os filmes da Netflix articulam os termos “direita” e “esquerda” para contextualizar aspectos políticos e ideológicos do nazismo e se eles, de algum modo, refletem consensos acadêmicos podendo ser utilizados como material didático; ou se essas mesmas produções audiovisuais foram também influenciadas pela onda de negacionismo histórico que afirma que o nazismo é de esquerda.

A análise fílmica é apontada como uma das principais ferramentas do professor que utiliza o cinema em sala de aula, pois atende simultaneamente ao funcionamento formal-semântico e às dimensões históricas do documento. Por essa razão, ela tem sido recorrente nas pesquisas de cinema e história (SANTIAGO JR. 2021, p. 100).

Traremos algumas passagens (não de modo exaustivo) de como os termos “direita” e “esquerda” foram articulados em alguns episódios, incluindo alguns trechos da narração (transcritos entre aspas **e em itálico**). Para Puccini, ao falarmos sobre documentários, “estamos falando da construção de um discurso sedimentado em ocorrências do real” (2009, p. 16). Nichols (2005) responde à pergunta sobre o que daria voz própria ao documentário:

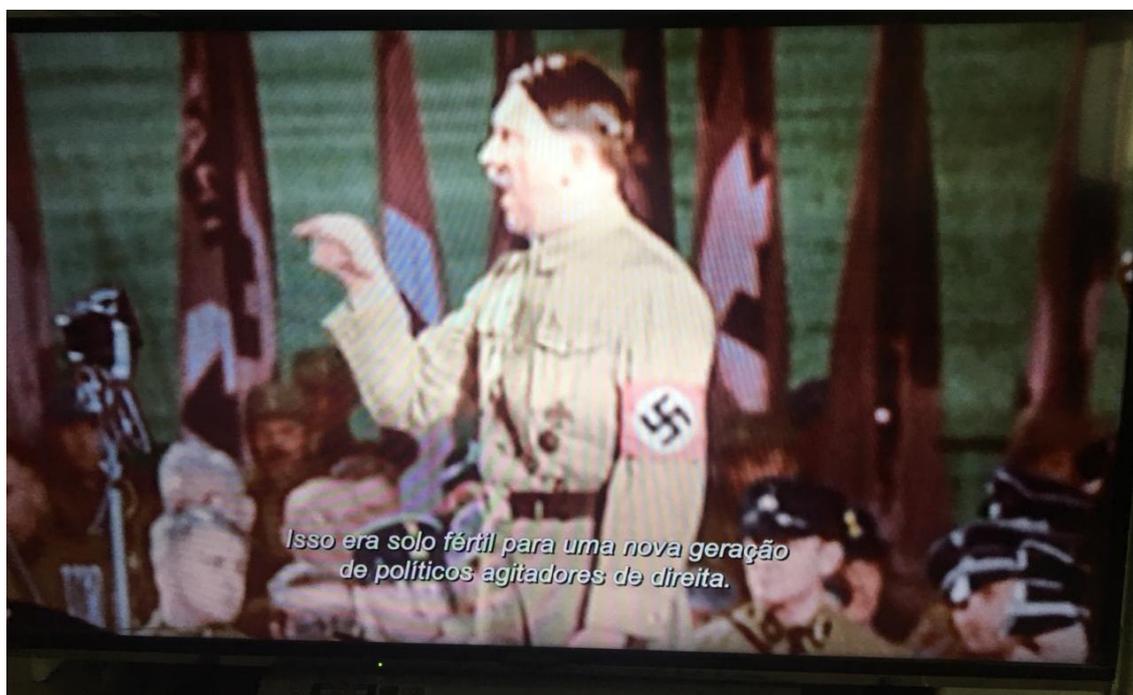
Essa pergunta introduz conceitos da arte da retórica, para mostrar como o documentário tem dívidas com a tradição retórica e como o documentarista frequentemente se assemelha ao orador de antigamente em seu esforço de abordar assuntos ou problemas que clamam por consenso ou solução social (NICHOLS, 2005, p. 24).

Começando por “A Segunda Guerra Mundial em cores”, de 2009, que traz uma vasta coleção de imagens da Segunda Guerra restauradas e coloridas. Algumas raras. O mote da série é esse aspecto técnico. O roteiro e narrativa são construídos em ordem cronológica conforme os fatos da guerra, ao longo de 13 episódios. A narração fica por conta do ator Robert Powell. Por ser uma série que tem o objetivo de passar uma visão geral do confronto, ela não foca em questões específicas. A ênfase é nas batalhas, possivelmente condicionada à quantidade e natureza das imagens documentais recuperadas. Ainda assim, a série faz considerações políticas, principalmente nos primeiros episódios, uma forma de contextualizar as razões e motivações da guerra.

“*A ascensão do partido nazista é a ascensão da extrema direita*”. E isso fica claro no primeiro episódio, em várias passagens. O episódio foca no entreguerras e começa

a partir do fim da Primeira Guerra Mundial e o sentimento de nacionalistas alemães de que não foram derrotados nos campos de batalha, mas por conta de articulações de políticos corruptos. A República de Weimar, estabelecida após a Primeira Guerra, começa a sofrer duros golpes, irrompendo “*disputas nas ruas entre nacionalistas de extrema direita e comunistas desejosos de uma revolução*”. Nesta passagem, fica claro que os inimigos extremos dos comunistas estão à direita e são os nazistas. Os problemas econômicos, como a hiperinflação e a quebra da bolsa, produziram um cenário que, segundo a narrativa, “*era solo fértil para uma nova geração de políticos agitadores de direita. Entre eles, Adolf Hitler*”. Aqui, texto e imagem situam Hitler em uma direita extrema. “*Só os políticos extremistas pareciam oferecer soluções.*”.

Figura 4: reprodução de “A Segunda Guerra Mundial em cores”.



Fonte:

O posicionamento à extrema direita do nazismo na série pode ser auferido também pela contextualização de aliados ideológicos do nazismo e que lhes serviram como fonte de inspiração. É o caso do fascismo de Benito Mussolini. O cenário político italiano estava conturbado no pós-guerra. Então, Mussolini “*decidiu se posicionar. Ele organizou um partido nacionalista de direita, o Partido Fascista*”. Após se livrar de opositores e assumir poderes ditatoriais, Mussolini se tornaria fonte de inspiração para

diversos líderes políticos, *"inclusive Adolf Hitler, na Alemanha"*, que *"viu o sistema fascista como um modelo forte e resoluto"*.

A aliança com o general Franco, na Guerra Civil Espanhola, também contribui para a contextualização, por meio dos usos que a narrativa faz dos termos "esquerda" e "direita". De um lado, os republicanos, classificados como *"um governo de esquerda"*; de outro, os nacionalistas de Franco – a direita inicialmente derrotada, na eleição –, que receberam apoio de Hitler e Mussolini para contra-atacar. Por sua vez, os republicanos receberam ajuda, embora não o bastante, da União Soviética e das Brigadas Internacionais: *"30 mil esquerdistas – dentre eles americanos, franceses e alemães – se alistaram para lutar na Espanha"*. A Guerra Civil Espanhola é representada como *"especialmente brutal, de famílias contra famílias, comunistas contra fascistas e crentes contra ateus"*. Franco sai vencedor, unindo pessoas temerosas por causa das greves e invasões e da possibilidade de um golpe comunista, conservadores do exército e da Igreja Católica.

Hitler's circle evil, diferentemente de "A Segunda Guerra Mundial em cores", não traz uma visão geral da guerra, mas foca nos assessores e correligionários de Hitler e suas movimentações políticas, militares e de bastidores, incluindo conspirações e traições. Em 10 episódios, a série, produzida em 2017, usa muitas imagens de arquivo, mas as mescla com encenações de atores. Essas cenas não têm som de diálogo, e o áudio é preenchido pela narração. Uma característica marcante da série é que ela traz a fala de autoridade de diversos historiadores, que aparecem ao longo dos episódios.

A história também é contada em ordem cronológica condizente com os fatos do conflito e também parte do fim da Primeira Guerra Mundial, que para Hermann Göring, piloto e marechal de Hitler, foi perdida por causa de *"manobras covardes de políticos de esquerda"*. No entreguerras (durante a República de Weimar), a série narra as origens do Partido Nazista, no primeiro episódio, em meio a um contexto de polarização extrema entre esquerda e direita. A ideologia nazista é gestada com o *"dramaturgo de direita"* Dietrich Eckart, representado como alguém *"capaz de articular as ideias com clareza. São as ideias da extrema direita"*. A Sociedade Thule, uma ordem secreta que mistura política e esoterismo, também está envolvida com o surgimento do nazismo e é rotulada pela série como "de direita". Göring, após ser atacado por socialistas, se junta a outros nacionalistas e *"decidem montar um partido de direita com Eckart e os Thules, o Partido*

dos Trabalhadores Alemães”, que viria a ser o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (o Partido Nazista).

O episódio 2 mostra como Hitler usaria seu julgamento após sua prisão como palanque político: “*seu desempenho no banco dos réus serve para unir a direita*”. Os inimigos do nazismo, por sua vez, são situados no espectro da esquerda, nunca no da direita. Assim como a primeira série aqui analisada, *Hitler’s circle evil* deixa clara a polarização entre comunistas/marxistas (esquerda) e nazifascistas/nacionalistas (direita). Como no episódio 3, que mostra a sistemática aniquilação de adversários à medida em que o nazismo ganha poder: “*A polícia percorreu a Alemanha com lista de ativistas de esquerda*”. O caráter antimarxista do nazismo fica bem expresso quando os historiadores participantes afirmam que “*o marxismo foi esmagado naquele período*” ou que “*a ameaça imaginária que os comunistas representavam à Alemanha era uma parte vital da ideologia nazista*”.

“Como se tornar um tirano”, de 2021, é a única das quatro produções por nós analisadas que não foca especificamente na Segunda Guerra Mundial, mas em diversos regimes autoritários ocorridos no século XX e XXI em diferentes países. Por isso nosso foco foi especificamente o episódio 1, chamado “Tome o poder”, que se concentra especificamente no nazismo e na trajetória de Hitler (outros episódios focam em outros ditadores). Apesar disso, cabe-nos ressaltar que, no todo, ao longo de seus seis episódios, a série faz constantes analogias entre diferentes ditadores, o que de certa forma pode contribuir para reforçar as comparações entre Hitler e Stalin ou mesmo entre o nazismo e o comunismo, mais do que reforçar suas diferenças. Além disso, a série parece ter uma narrativa dentro de uma perspectiva liberal sobre o que seria um tirano, a começar pelos exemplos de tiranos selecionados, sempre com trajetórias políticas marcadas por um antagonismo em relação às potências liberais ocidentais (Além de Hitler e Stalin, a lista inclui nomes como Muammar Kadafi e Saddam Hussein, mas não cita, por exemplo, Augusto Pinochet ou a monarquia absolutista saudita, que contaram/contam com a parceria norte-americana na ascensão e manutenção de seus regimes).

A série, em sua totalidade, entretanto merece análises mais aprofundadas em outro artigo. Aqui nosso foco é seu primeiro episódio e como ele articula os conceitos de “esquerda” e “direita” ao tratar do nazismo. Ao recapitular a trajetória de Hitler logo após a Primeira Guerra, a narrativa destaca que ele é empregado na Inteligência do Exército

Alemão e sua primeira missão é observar a reunião de *“um grupo antissemita de direita chamado Partido Alemão dos Trabalhadores”*. Hitler, que deveria ser discreto, passa a discursar no partido, pois sente afinidade com seus membros e ideias. *“Em pouco tempo Hitler é nomeado líder do partido, que adota um novo nome: Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, também conhecidos como nazistas”*. Essas passagens da história de Hitler e do surgimento do Partido Nazista, assim como suas caracterizações à direita desde o berço, são semelhantes às que já foram identificadas nas outras obras analisadas.

A polarização com os comunistas também é retratada, como na ocasião do incêndio do Reichstag, *“No dia seguinte à manchete Hitler culpa os comunistas”*. O papel das imagens, principalmente com o uso de animações, merece destaque. São retratadas, em desenho animado (animação) perseguições a adversários e bandeiras comunistas sendo rasgadas.

A quarta e última produção analisada é *“Hitler, uma carreira”*, a mais antiga de todas, de 1977. O longa-metragem tem 2h30m de duração e é o que mais foca na figura do ditador nazista, sobre o qual a narrativa diz que *“Começou após a Primeira Guerra, como um protestante de direita na Baviera. Onde ganhou notoriedade por seu extremismo”*. A série destaca que a Baviera, no início do período entreguerras, foi uma região de florescimento de ideias de esquerda e que, por isso, o nazismo teria ganhado força como uma espécie de contrarrevolução, já que lá a atuação das *freikorps* (grupos paramilitares de extrema-direita) teria sido maior, justamente para se opor à esquerda: *“As unidades freikorps tomaram Munique para se opor aos conselhos de trabalhadores. A Baviera não era mais lar da revolução, mas sim um local que inspira a contrarrevolução”*.

O documentário também contrapõe o modo de fazer política nazista com alguns preceitos marxistas que influenciaram a Revolução Russa e insurgências socialistas pelo mundo: *“Os nazistas não tinham solução para a pobreza. Eles ofereciam diversão ao público em vez de teorias. Em vez de sermões sobre exploração e luta de classes, eles ofereciam uma ideia de integração”*. A luta de classes é um dos preceitos fundamentais da teoria de Marx e Engels. Ao tratar sobre alianças políticas, a narrativa do filme demonstra que o Partido Nazista orbitava à direita no espectro político: *“em um momento em que a classe média já apoiava Hitler, a direita conservadora de Hugenberg estava ansiosa para usar o demagogo em ascensão para seus próprios propósitos”*. Hitler,

entretanto, despreza a aliança com Alfred Hugenberg, segundo a narrativa, por almejar o poder somente para os nazistas. “*Era para ser um ataque total à República [de Weimar] pelas forças da direita, mas a grande aliança dos conservadores e dos nacionalistas socialistas em nada deu*”. Fica claro que, apesar da recusa de Hitler, o longa-metragem situa o nazismo entre os partidos de direita na Alemanha do entreguerras.

Considerações finais

“Vivemos a passagem de um paradigma soberano de poder (vertical, estático, centralizado) para o cibernético (horizontal, dinâmico, distribuído). O modelo dessa nova forma de governabilidade cibernética seria o Google ou o Facebook” (PEREIRA e ARAÚJO, 2017, p. 274). Como consequência, “Os espaços de redes sociais, blogs, vlogs e outras plataformas podem funcionar também como lugares de luta e tensão de ideias.” (MENEZES, 2019, p. 86). O bolsonarismo tenta livrar o espectro político da direita, ao qual é alinhado, da responsabilidade pelo peso negativo histórico e político do nazismo com todo o ônus de seu desastre. Para isso, vale-se de um discurso revisionista, uma *fake history*, “fruto de uma produção que prescinde da ética de pesquisa e se vale de manipulações de dados e informações a fim de favorecer determinadas percepções da história e as falsificações de acontecimentos e registros em nome de demandas políticas e sociais” (MENEZES, 2019, p. 75). Cabe aqui ressaltar que demandas sociopolíticas sempre influenciam a produção historiográfica, mas não podem, por si só, tornarem-se a medida de todas as coisas, suplantando questões éticas e metodológicas.

Entretanto, embora ecoe nas redes sociais, essa *fake history* do nazismo de esquerda não chega a abalar a posição consensual do meio acadêmico dos campos da história e da ciência política. Habermas (2018) afirma que a esfera pública, conforme a conhecíamos, vem sendo deteriorada. Ela se valia de pressupostos em comum, que dependiam, por exemplo, de uma grande imprensa e de uma população leitora. Essa estrutura não estaria mais intacta, segundo o filósofo alemão. Podemos apontar certa convergência entre nossa análise sobre o “nazismo de esquerda” e a fala de Habermas, na medida em que, enquanto parte dos usuários da rede social reproduzem o discurso revisionista/negacionista, é a imprensa “tradicional”, por meio de alguns dos principais veículos do Brasil e sucursais brasileiras de veículos do exterior, que reforça o consenso acadêmico, apontando críticas ao revisionismo virtual e valendo-se de fontes mais sólidas.

O mesmo vale para o entretenimento, nas séries de não-ficção aqui analisadas (ou séries documentais, como rotula a Netflix). Com base em nosso recorte, que se valeu de quatro produções, não houve nenhum tipo de mudança na narrativa histórica sobre o nazismo ser de extrema-direita entre 1977 e 2021, respectivamente os anos de lançamento das produções mais antiga e mais nova analisadas. Nenhuma assimilação de efeitos que pudessem ser atribuídos ao fenômeno da pós-verdade. A ressalva é com relação à produção "Como se tornar um Tirano", que insiste em uma correlação entre nazismo e comunismo tendo a tirania como unidade de medida. Ainda assim, a série também posiciona o regime de Hitler no espectro político da direita. Assim, a pesquisa reitera a força do entretenimento como ferramenta informativa e educacional.

A intermediação do professor na análise dos filmes propostos é fundamental. Lembrando sempre que o filme nunca substituirá a explicação, ele funciona como um complemento e através de uma análise prática estimulam o desenvolvimento de uma Consciência Histórica (DÄHNE, 2019, on-line).

Por sua vez, a reação crítica de internautas brasileiros contra o vídeo da embaixada e consulado e também contra o ministro das Relações Externas alemão demonstra a crise das mediações descrita por Roque e Bruno (2018) e também o tribalismo político descrito por Pinker (2018), o quanto as pessoas estão dispostas a formular suas opiniões e defende-las, em certos casos, mais por conta de uma afirmação de identidade e lealdade do que com base na historiografia e nos fatos apurados.

É dentro desse contexto que devemos compreender como o ensino escolar de história pode mediar de forma eficiente o reverberar dessa produção de sentido baseada em revisionismos negacionistas. Contudo, para que sua atuação seja eficiente e eficaz o professor deve se ver como um historiador público. Retorna-se à categoria de História Pública por considerá-la fundamental na compreensão do sentido político que esse profissional deve ter diante de um quadro que nega a capacidade do conhecimento científico, aí incluímos o conhecimento histórico e o histórico escolar, de responder aos problemas que angustiam o cotidiano nos dias de hoje.

Assumir o papel de um historiador público significa que o professor deverá utilizar-se da epistemologia e metódica da ciência histórica de forma a criar oportunidades para que os aprendizes (nesse caso, os alunos) possam dar complexidade às suas ideias históricas. Essas oportunidades não existirão se esse profissional não for capaz de fazer dialogar diferentes narrativas históricas carreadas

para a sala de aula pelos aprendizes. Muitas dessas narrativas estão imbuídas dos sentidos produzidos pelo senso comum, por tradições conservadoras e, para retornarmos às questões que vimos discutindo, posicionamentos revisionistas como o que permeia às declarações dos internautas acerca do vídeo da embaixada alemã. Como tornar a narrativa didática escolar tão atrativa quanto àquelas veiculadas por *youtubers* ou outros *pop stars* midiáticos da atualidade que, muitas vezes, negam a capacidade da ciência histórica, e, conseqüentemente, a disciplina escolar história, de fazer sentido no “mundo real”?

Além disso, é fundamental esclarecer que o sentido de mediador que construímos para o professor em nossa argumentação não se confunde apenas com a função que alguém recebe de fazer pessoas se comunicarem. Em nossa perspectiva, a mediação é sempre realizada pelo conhecimento produzido e compartilhado. Cabe ao professor, nesse caso, intervir, a partir de sua expertise, de forma a possibilitar que os conceitos ou conteúdos didáticos presentes na interação assumam o papel de mediadores culturais (SFORNI, 2003).

Ou seja, o aprendizado aqui é entendido como um processo que se produz de forma subjetiva – por meio da reflexão crítica desenvolvida pelo aprendiz a partir do conhecimento que ele traz como bagagem cultural, mas, também, intersubjetiva – resultado obrigatoriamente da interação e do diálogo que os aprendizes e suas consciências históricas desenvolvem sob a intervenção do professor.

Esse processo complexo não está isento de embates e dissonâncias, o que define o papel do professor e seus saberes como fundamentais para se atingir o objetivo de formar indivíduos capazes de pensar a si e ao outro a partir de suas semelhanças - como humanos que somos todos - mas, também, respeitando suas diferenças – que os identifica como individualidades. Sujeitos de sua própria história, compreendendo a ciência e suas verdades provisórias – frutos do contínuo alargamento do pensamento e da ação humanos – como variáveis imprescindíveis nessa engenharia social que é o desenvolvimento das ideias históricas.

A sociedade contemporânea, tendo em vista o perfil mapeado nesse artigo, avança de maneira avassaladora na difusão de uma grande quantidade de informações cujas origens nem sempre dialogam com o conhecimento histórico científico. Nesse cenário, a educação histórica escolar, assumindo a dimensão pública da História, pode ser um espaço fundamental para evitar a formação de “identidades não-razoáveis”

(CERRI, 2010). O que se espera é que a didática da história escolar seja capaz de auxiliar na formação de indivíduos que, compreendendo os objetivos políticos por trás dos usos públicos do passado – nos dias de hoje servindo-se cada vez mais das mídias digitais e de sua capacidade na produção de sentido -, sejam capazes de entender as diferenças entre os homens como riquezas para a constituição de suas próprias identidades e, sendo assim, identifiquem a manipulação da história, numa articulação “fantasiosa” entre passado, presente e futuro, como uma ferramenta para legitimar narrativas com pretensões de verdade absoluta, ahistórica e destruidora da vida democrática.

Referências

BOBBIO, Norberto. ***Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política***. São Paulo: Unesp, 2001.

CERRI, Luis Fernando. *Didática da História: uma Leitura Teórica sobre a História na Prática*. **Revista de História Regional**, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

DÄHNE, Caroline. ***Filmes: como usar na aula de história***. *Nas tramas de Clio*. 21 nov 2019. Disponível em: < <https://nastramasdeclio.com.br/historia/filmes-como-usar-na-aula-de-historia/?fbclid=IwAR1IX7sBvzvU17TzHeZZBb55l1TxWLhu0elU3S2Jh6JhbFQVDnPR2MeX6ic> > Acesso em 28 fev. 2022.

FÁBIO, André Cabette. ***O que é “pós-verdade”, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford***. Nexo. 16 nov 2016. Disponível em < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford> > Acesso em 04 jul. 2017.

FRAGA, Larissa Caldeira de. ***13 Reasons Why e o Imaginário dos Estados Unidos***. In 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0674-1.pdf> > Acesso em: 13 out 2017.

GIDDENS, Anthony. ***Para além da esquerda e da direita***. São Paulo: Unesp, 1996.

HABERMAS, Jürgen. ***“Não pode haver intelectuais se não há leitores”***. *El País*. 7 mai 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html?fbclid=IwAR0M-nMhjrObnlWiYndktUFRnoJjNRkDBLjY6JfNTaSpLszlgLw6sGxP9oE > Acesso em 20 nov 2018.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. ***Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes***. Petrópolis: Vozes, 2014.

MENEZES, Sonia “**Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade**” Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 66-88 – 2019.

NEHER, Clarissa. **Como a Alemanha usa as escolas contra mentiras sobre o nazismo e o Holocausto**. BBC. 17 set 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45502884>> Acesso em 20 nov. 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005

OLIVEIRA, Regiane. **Fremdschämen, a constrangedora ‘aula’ sobre nazismo dos brasileiros aos alemães**. El País. 17 set 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html> Acesso em 20 nov. 2018.

ORTELLADO, Pablo. **"Imprensa e ensino viverão sob ataque permanente na era Bolsonaro"**. DW. 14 nov 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/imprensa-e-ensino-viver%C3%A3o-sob-ataque-permanente-na-era-bolsonaro/a-46274766>> Acesso em 20 nov. 2018.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria.; ARAUJO, Valdeci Lopes de. **Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital**. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 23, n. 1 e 2, p. 270-297, 5 jun. 2017.

PINKER, Steven. **O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PIRES, Breiller. **Educação, o primeiro ‘front’ da guerra cultural do Governo Bolsonaro**. El País. 05 nov. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541112164_074588.html> Acesso em 17 dez 2018.

PITOMBO, João Pedro. **Grupos de direita contestam embaixada alemã sobre nazismo**. Folha de São Paulo. 16 set 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/grupos-de-direita-no-brasil-contestam-embaixada-alema-sobre-nazismo.shtml>> Acesso em 20 nov. 2018.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papirus, 2009.

ROQUE, Tatiana; BRUNO, Fernanda. **Fenômeno da pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos**. MediaLab UFRJ. 18 nov. 2018. Disponível em: <http://medialabufrj.net/publicacoes/2018/fenomeno-da-pos-verdade-transforma-os-consensos-ja-estabelecidos/?fbclid=IwAR2FABzbnpxpsSlvg5DwBXf6ne5I_9wl2jBjiTOLKDXp9wK_-JiDkQtjmc> Acesso em 20 nov 2018.

SALGADO, Daniel. **Como Hitler desmente os comentaristas da internet**. Época. 18 set 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/artigo-como-hitler-desmente-os->

comentaristas-da-internet-23080252?fbclid=IwAR2FKZj9OpkGTwxp73X_BiVrjJROQo3rQz2ZkivHGGASJHI3FxZjZMGaows> Acesso em 20 nov. 2018.

SANTIAGO JR, Francisco das C. F. **Cinema e ensino de história: genocídio, X-men e história pública em sala de aula.** In: História pública e ensino de história. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

SFORNI, Marta Sueli de Faria. **Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da teoria da atividade.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2003.

STRUCK, Jean-Philip. **Brasileiros criam debate que não existe na Alemanha.** DW. 17 set 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/brasileiros-criam-debate-que-n%C3%A3o-existe-na-alemanha/a-45531446?fbclid=IwAR2crO-4qSI0ZErvGhwjPsrBAMw0d6cg6UMd3vk9WOCJRg5NGerZgQMgcek>> Acesso em: 20 nov. 2018.

TORRES, Bolívar; URBIM, Emiliano. **Vamos aos fatos. Que história é essa?** O Globo, Rio de Janeiro, 22 set. 2018. Segundo Caderno. Capa e p 10.

WOOTTON, David. **A internet está nos levando de volta a um mundo medieval.** Consultor Jurídico. 10 jul 2017. Disponível em < <http://www.conjur.com.br/2017-jul-10/milenio-david-wootton-autor-breve-historia-fatos>> Acesso em: 15 ago. 2017.

Alexandre Freitas Campos

Doutorando em História Social, na linha "Historiografia e ensino de história", pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/Uerj); mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF); graduado em Cinema e Audiovisual (UFF).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1568043217033191>

Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley

Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1983), graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), mestra em História pela Universidade Federal Fluminense (1995) e doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). Atualmente é professora associada da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de história, didática da história, história pública, história social da Tv no Brasil.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2084993373301484>

Artigo recebido em: 03 de abril de 2022

Artigo aprovado em: 18 de abril de 2022